

IMPRESSÕES DO MAR

Uma alma delicada não se expõe facilmente em público. É comum ver um artista empenhado em evitar sua melhor qualidade, por nela enxergar uma fraqueza. Aventura-se numa luta árdua contra si mesmo, inventando-se uma face contundente que não é sua. Mas quando essa roupagem artificial passa a incomodar demais, é chegado o tempo de despi-la. Só então o artista pode revelar o que tem de melhor. **Rosa Esteves** está dando esse passo corajoso, e começa a construir um novo caminho, com a matéria frágil dos relevos que agora vem mostrar.

O trabalho de Rosa começa na terra. Ela manuseia uma massa de argila, em cuja composição às vezes entram doses de porcelana. Em seguida transforma essa matéria telúrica em matriz. Na superfície ainda úmida do barro, formas e texturas de natureza orgânica vão sendo incorporadas por pressão. No decorrer desse processo de *frottage*, ficam registradas as marcas das mãos, de tecido, impressões digitais, o desenho de conchas, ouriços, corais, cracas, estrelas do mar. Instrumentos de gravar como a goiva e a ponta seca imprimem novas marcas, geralmente formas elípticas que repetem um padrão comum - o mesmo encontrado na carcaça sólida de caramujos e caracóis, na anatomia vegetal das samambaias, na estrutura das galáxias, na progressão aberta dos fractais.

Ela também aproveita o que o acaso traz como contribuição - superfícies e limites irregulares de peça, trincas e rachos que surgem durante o processo da queima. Essas matrizes maleáveis se moldam a seu temperamento delicado, recolhem todos os seus sinais. Tudo fica registrado nessa terra submissa, todos os gestos suaves da artista, certos como o impulso do calígrafo que poussa o pincel molhado de tinta no papel.

Incorporando literalmente experiências anteriores com a gravura, Rosa liquidificou antigos trabalhos desprezados e restos de outros papéis. Acrescentou pó de pedra sabão, areias de Ilha Bela e São Tomé das Letras, pigmento dourado e prateado, leves pitadas de folha de ouro. Tinta gráfica também foi agregada para dar a consistência certa aos cinzas e à série negra, em cuja matéria passeiam pequenas luzes e brilhos. As diferentes tonalidades da massa assim conseguida fazem com que a mesma matriz gere relevos distintos. Pretos, brancos, cinzas e ocres revelam o positivo e negativo da luz, o avesso e direito das marcas gravadas.

Depois da secagem, os relevos são retirados da argila, como finas peles desvestidas. A montagem valoriza o temperamento livre dessas formas. Os desenhos feitos pelo fundo enrugado de papel acabam incorporados ao trabalho. Às vezes, esses véus transparentes cobrem o relevo por

inteiro, e eles são devolvidos em latência a um submundo temporariamente adormecido. Outras vezes pequenas peças dançam soltas no papel, lembrando sua disposição natural em acompanhar os movimentos sutis das marés.

Esses relevos também têm algo de comestível e convidam ao tato. São crostas delicadas como biscoitos, visíveis por cima ou por baixo de finas folhas de papel japonês. Moldados com a mesma concentração paciente e cotidiana que constrói a ossatura da concha, eles conservam em suspenso sua primitiva e frágil natureza calcárea, simulacros vivos de restos presenteados pelo mar. E porque parecem nascidos por geração espontânea, somos levados, por instantes, a repetir mentalmente o gesto de apanhá-los na areia, onde vai ficar gravada a memória de seus corpos ausentes.

Vera d'Horta

Setembro 95

*Texto para a exposição **Ectypus Fractal** realizada na Itaúgaleria / SP*